

RESGATE CULTURAL DE USOS DE PLANTAS NATIVAS DO CERRADO PELA POPULAÇÃO TRADICIONAL DA REGIÃO DO ATUAL DISTRITO FEDERAL

Laura Altafin Cavéchia

Graduanda em Biologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. lauralt84@hotmail.com

Carolyn Elinore Barnes Proença

Departamento de Botânica, Universidade de Brasília, C. Postal 4457, 70919-970 Brasília, Distrito Federal, Brazil. cproenca@unb.br

THE USE OF NATIVE CERRADO PLANTS BY THE TRADITIONAL POPULATION OF THE DISTRITO FEDERAL REGION, BRAZIL

ABSTRACT- The Distrito Federal has a population of approximately 2.4 million inhabitants. The vegetation is characteristic of the Cerrado Biome, the second largest in the country, and covers 2 million km². The construction of Brasília in the 1950s produced an influx of people into the new capital that resulted in cultural transformation of the population. Aware of the necessity of salvaging the traditional cultural knowledge of the region, this study is aimed at recording the use made of native plants by the population before Brasília was built. The focus was the region of Planaltina, previously a Goiás municipality, where the traditional population is concentrated. Four informants between 65 and 100 years old were identified using the snowball technique. Structured interviews were undertaken, followed by plant identity confirmation using photographs and fresh botanic material which was later incorporated into the herbarium. Results are presented as a free list, UPGMA cluster analysis, ordination with VU values (ethnobotanical use value index). Fifty-nine uses were cited, represented by 48 species in 25 botanical families; Rubiaceae and Fabaceae were the most species-rich. The highest saliency values were found for *Hymenaea* sp. (jatobá), *Pterodon* sp. (sucupira), *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Annona crassiflora* (araticum) and *Croton antisyphiliticus* (pé de perdiz).

Keywords: Ethnobotany, Fabaceae, Rubiaceae, Medicinal Plants

RESUMO - O Distrito Federal abriga uma população estimada em 2,4 milhões de habitantes. A vegetação é característica do bioma Cerrado, o segundo maior do país, ocupando 2 milhões de km². Com a construção de Brasília na década de 1950, começou um fluxo migratório para a nova capital e transformação cultural da população local. Consciente da necessidade de se resgatar o conhecimento cultural tradicional da região, a pesquisa teve o objetivo de levantar o uso de plantas nativas pela população antes da construção de Brasília. Foi focada a região de Planaltina, anteriormente município goiano, que concentra esta população tradicional. A técnica utilizada para localizar informantes foi o da “bola-de-neve”, que resultou em quatro informantes com 65-100 anos. Foram aplicadas entrevistas estruturadas, fundamentadas por confirmação das plantas com fotos e material botânico fresco, posteriormente herborizado. Os resultados são apresentados por listagem livre, análise de agrupamento, análise de ordenação e VU (índice de valor de uso etnobotânico). Foram citados 59 usos, representados por 48 espécies e 25 famílias botânicas, sendo Rubiaceae e Fabaceae as mais ricas em espécies. Obtiveram maior valor de saliência *Hymenaea* sp. (jatobá), *Pterodon* sp. (sucupira), *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Annona crassiflora* (araticum) e *Croton antisyphiliticus* (pé de perdiz).

Palavras-chave: Etnobotânica, Fabaceae, Rubiaceae, Plantas Medicinais

INTRODUÇÃO

O Distrito Federal, formado pela cidade de Brasília e por 19 regiões administrativas, abriga uma população estimada em cerca de 2.455.903 habitantes, tendo como área territorial total 5.822 km², o que representa uma densidade populacional de aproximadamente 422 hab./km² (IBGE, 2007). Sua vegetação é característica do bioma Cerrado, o segundo maior do país (23% do território nacional) ocupando dois milhões de km², com área núcleo no Centro-oeste brasileiro (Souza, 2007). Caracterizado por “uma vegetação e fisionomia próprias, classificadas dentro dos padrões de vegetação do mundo como savana” (Eiten, 1994), o bioma contribui com cerca de 5% da diversidade da fauna e flora mundiais (Klink *et al.* 1995) e possui cerca de 11 mil espécies vegetais nativas, distribuídas em 180 famílias (Walter, 2006).

Em meados da década de 1950, com a construção de Brasília, começa o afluxo migratório para a nova capital do país, havendo milhares de deslocamentos do Nordeste do país, dos estados de Minas Gerais, Goiás e outros do Sudeste e do Sul. Durante as primeiras décadas de existência da nova capital, o índice de crescimento populacional no Distrito Federal era um dos mais altos do país e na década de 1960, a população passava de 140 mil para aproximadamente 537 mil habitantes em 1970, tendo um crescimento médio anual de 14,4% (Queiroz, 2006). Com as transformações ocorridas com a vinda da capital, luz elétrica, água encanada, telefone, transporte, modismos e novas crenças, a população local é atraída pelo novo, deixando no esquecimento suas raízes, sob influência dos migrantes que chegavam de toda parte do país. Este estudo é uma contribuição ao resgate cultural da região do Distrito Federal através dos moradores nativos, que antecedem a construção de Brasília. O resgate é urgente para evitar a perda do conhecimento etnobotânico nativo antes que este desapareça pela não valorização, da falta de transmissão para a geração seguinte ou por miscigenação cultural.

O conhecimento tradicional, definido por Diegues, 2004, é o saber e o saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, intimamente relacionado à religiosidade e às relações familiares e de parentesco. Usa-se a etnociência para interpretar, compreender, levantar valores e costumes de

comunidades. Os saberes tradicionais, diferentemente do conhecimento técnico-científico, são formulados na experiência das relações com a natureza, sendo produtos de acumulação dos conhecimentos através de gerações (Posey, 1986, citado por Silva, 2007).

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa enfocou o Setor Tradicional da região administrativa de Planaltina por estar dentro da área de estudo, o Distrito Federal, e pela região concentrar a população tradicional residente na região antes da construção de Brasília.

Os documentos existentes não indicam a data exata da fundação de Planaltina, embora se acredite que seja 1790 (GDF, 2007). Em 1955, a comissão chefiada pelo Marechal José Pessoa Cavalcante delimitou definitivamente a área e o sítio de nova Capital: o quadrilátero do Distrito Federal, que passa a ocupar uma área de 5.814 km² sobreposta a três municípios goianos, um dos quais é Planaltina. A partir de 1966, Planaltina sofre alterações periódicas com a implantação de loteamentos para fixação da população de baixa renda de varias partes do país, tais como a Vila Vicentina, o Setor Residencial Leste (Vila Buritis I, II, e III), o Setor Residencial Norte A (Jardim Roriz) e a ampliação do Setor Tradicional (Administração Regional de Planaltina). Atualmente definida como Região Administrativa 6, Planaltina apresenta uma área total de 1.535 km², com densidade demográfica de 95,8 habitantes/km² (GDF, 2007).

O levantamento etnobotânico para resgate cultural dos usos de plantas do cerrado pela população nativa foi realizado durante os meses de setembro a dezembro de 2007. Para localizar os informantes-chave, foi usado o método da Bola de Neve (*snow ball*), que consiste em localizar um ou mais informantes-chave que indicam outros candidatos que poderão participar da pesquisa até que se esgote a citação de novos nomes (Bernard, 1989, citado por Christo *et al.* 2006).

Para esta etapa, somaram-se oito horas durante as quatro visitas (duas horas em cada visita). Através de visitas na cidade administrativa em questão, pode-se entrar em contato com a população local estabelecendo um laço de confiança onde indicações de possíveis informantes eram feitas. A cada indicação, um novo diálogo era estabelecido bem como análise

do perfil e/ou outra indicação do possível entrevistado. O perfil seria de o morador ter nascido no local antes da construção de Brasília; ter permanecido na região desde então e ter conhecimentos sobre usos de plantas do cerrado.

Com isso, identificaram-se cinco pontos importantes em Planaltina: administração, feira-livre, EMATER, centro de medicina alternativa e bairro Setor Tradicional. Foi por meio desses que os quatro informante-chave, dois do sexo masculino (entrevistado H1 e H2) e dois do sexo feminino (entrevistado M1 e M2) foram selecionados, se encaixando no perfil adequado à pesquisa.

Informações sobre as plantas e seus usos foram obtidas por meio de entrevistas estruturadas que consistem em obter conhecimento junto ao informante, individualmente, por meio de questões pré-estabelecidas. Também foi utilizada a técnica de listagem livre (Weller & Romney, 1988, citado em Christo *et al.* 2006) para uma das perguntas (pergunta 5), sem tempo definido para a resposta. As perguntas da entrevista foram:

- 1- Como foi adquirido o conhecimento sobre as plantas?
- 2 - Quem utiliza tais conhecimentos?
- 3 - Há alguém interessado em aprender tais conhecimentos?
- 4 - Como se dá a transmissão do conhecimento?
- 5 - Quais plantas têm uso?
- 6 - Dentre as plantas citadas quais não se utilizam mais e por que?

Para a amostragem, foram usadas amostras das plantas e/ou fotos. Estas foram baseadas em nomes populares já citados na primeira entrevista e de uso popular corrente. Por exemplo, o nome “barbatimão” foi citado na primeira entrevista. Este nome popular é de uso corrente para *Stryphnodendron adstringens*. Portanto, foi coletado uma amostra ou mostrado foto na segunda entrevista ao informante, sendo esta prontamente identificado por este como “barbatimão”. Utilizou-se tal método uma vez que os entrevistados não mais realizavam saídas ao campo, ora por conta da inviabilidade física, por serem idosos, ora por impossibilidade de acesso, uma vez que áreas anteriormente acessíveis foram cercadas.

A coleta das amostras foi realizada em uma saída de campo com duração de 3 horas em dois pontos distintos: na reserva do Centro Olímpico, no campus da Universidade de Brasília e no Parque de Uso Múltiplo Olhos d’Água, situado em Brasília (ambos com vegetação de cerrado típico). As fotos coloridas das espécies constavam em guias de campo ilustrados (Proença *et al.* 2000; Silva *et al.* 2001b) e trabalhos etnobotânicos (Silva *et al.* 2001a; Silva, 2007).

As plantas coletadas que tiveram identificação positiva pelos entrevistados foram herborizadas, sua identidade confirmada por comparação no Herbário da Universidade de Brasília e posteriormente incorporada ao seu acervo.

Para análise quantitativa dos dados, utilizou-se os pacotes computacionais ANTHROPAC (Borgatti, 1992) e FITOPAC (Shepherd, 1995).

Para o cálculo estatístico dos recursos vegetais culturalmente mais conhecidos e mais importantes, baseou-se em listagem livre (*free list*), utilizando o programa Vap_Freelist (Borgatti, 1992). Para analisar a formação de grupos de informantes que compartilham conhecimentos similares sobre uso dos recursos vegetais, aplicou-se a análise de agrupamento UPGMA, tomando como variáveis a presença ou ausência das plantas citadas por cada informante. Assim, obteve-se um dendrograma cujas técnicas basearam-se nas propostas de Legendre e Legendre (1998). O UPGMA considera o objeto atribuído a um grupo com o qual tem maior similaridade (expresso por distância média) com todos os objetos e o tipo de ligação, concordância simples, a qual pondera tanto as duplas presenças como as duplas ausências encontradas entre as citações dos entrevistados, onde também se obtém coeficiente de correlação cofenética.

Para diagnóstico de padrões de variação sobre os conhecimentos de usos de plantas nativas do bioma Cerrado, utilizou-se a análise multivariada de ordenação, mais especificamente, a Análise de Correspondência (CA).

O índice em etnobotânica adotado foi o VU (Valor de Uso) *sensu* (Rossato *et al.* 1999, citado por Christo *et al.* 2006) e Gomez-Beloz (2002, citado por Albuquerque *et al.* 2008), que calcula o Valor de Uso (VU) de cada espécie medicinal citada, útil para avaliar usos potenciais, mas não indicativo de pressão de uso, calculado pela fórmula: $VU = U/Nt$; onde U é

o número de usos levantados pelos informantes para a espécie e Nt, o número total de entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram selecionados quatro entrevistados na faixa etária de 65 a 100 anos, de ambos os sexos (**Tabela 1**). Três afirmaram que obtiveram o conhecimento mediante vivências com familiares e amigos e, apenas um, por experiência própria através das necessidades que ia tendo no decorrer da vida. O conhecimento é utilizado em benefício de filhos, netos e amigos e o conhecimento é passado oralmente, também por convivência e necessidade. Vale ressaltar que todos citaram a dificuldade atual de se utilizar as plantas pela inacessibilidade do local de origem de coleta e por, muitas vezes, o informante estar debilitado para

duas plantas não identificadas cujos nomes populares são batatinha-da-mata e chá-cravo. A família Rubiaceae foi a mais citada (cinco citações), seguida da Fabaceae (quatro citações); Caesalpiniaceae, Mimosaceae, Moraceae, Myrtaceae e Palmae (três citações); Anacardiaceae, Bignoniaceae, Euphorbiaceae e Solanaceae (duas citações); e Alimastaceae, Annonaceae, Apocynaceae, Caryocaraceae, Compositae, Convolvulaceae, Curcubitaceae, Hippocrateaceae, Guttiferae, Lecythidaceae, Malpighiaceae, Sapotaceae, Smilacaceae e Sterculiaceae (uma citação). Ressalta-se que a planta denominada pelo entrevistado como chá-cravo não foi identificada na literatura, mas foi declarado pelo informante não ser o cravo-da-índia alimentício (*Syzygium aromaticum* L.). Já o angico, batatinha-da-mata, carapiá, catulé e taiuiá, apesar

Tabela 1. Perfil dos entrevistados com conhecimento etnobotânico de plantas nativas do Distrito Federal

ENTREVISTADO	SEXO	IDADE	AQUISIÇÃO CONHEC.	UTILIZAÇÃO CONHEC.	INTERESSE EM APRENDER	TRANSMISSÃO CONHECIMENTO
H1	Masculino	65	Convivência familiar	Filha	Filha; amigos	Oral
H2	Masculino	93	Experiências próprias	Família	Não há	Oral
M1	Feminino	100	Vivência familiar e amigos	Filhos e amigos	Família e amigos	Oral
M2	Feminino	73	Vivência familiar e vizinhos; lendo livros	Filho com câncer; grupo mães-gestantes; filhos e netos	Sobrinha e amigos	Oral; indicação de livros.

sair em campo.

A relação das plantas citadas com seus usos está representada na **Tabela 2**. A correlação dos nomes populares citados com os nomes científicos foi em parte confirmada pelos entrevistados e outra parte confirmada com base na literatura de estudos etnobotânicos na região de Goiás.

No total houve 59 citações de conhecimento de usos de plantas representadas por 48 espécies, distribuídas em 44 gêneros e em 25 famílias, sendo

de encontrados na literatura (**Tabela 2**), não foram reconhecidos pelos entrevistados, nem por amostra da planta (angico), nem por fotografia (outras). É curiosa a citação do nome popular “cardo-santo” para a espécie reconhecida pela informante como *Kielmeyera speciosa*. Possivelmente, como esta informante citou livros como uma de suas fontes, trata-se de confusão entre esta espécie medicinal, habitualmente conhecida por pau-santo em Goiás (Proença *et al*, 2000), com a espécie também medicinal *Cnicus benedictus* L., o

cardo-santo da farmacopéia ibérica, citada em livros de ervas medicinais.

De todas as espécies citadas (**Tabela 2**), apenas três apresentaram uso artesanal. Os usos artesanais tanto da mangaba (*Hancornia speciosa*) como da gameleira (*Ficus* sp.) são destinados à produção de capa de chuva por cima de vestimenta a partir do leite retirado do tronco e da fruta. Já a casca do tronco do barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*) é utilizada para tingir couro, deixando-o com tom avermelhado. As espécies utilizadas como alimentícias foram citadas tanto para consumo *in natura*, como para preparação de sucos e doces.

Constatou-se que, contando apenas as espécies identificadas até nível específico, 32 espécies citadas neste estudo foram também citadas por informantes

em outros estudos etnobotânicos em Goiás (**Tabela 2**), sendo estes localizados em: Goiânia (Rizzo *et al.* 1985 in Silva, 2007); Pirenópolis (Rizzo *et al.* 1999 in Silva, 2007); Cristalina (Proença *et al.* 2000); Chapada dos Veadeiros (Silva *et al.* 2001); Porangatu (Tridente, 2002); Mossâmedes (Vila Verde, 2003); Alto Paraíso de Goiás (Souza & Felfili, 2006); Ouro Verde de Goiás (Silva, 2007); citados em Almeida *et al.* (1998). Apenas 4 espécies não foram encontradas na literatura, mas seu uso era conhecido pelos autores. Alguns não puderam ter sua citação confirmada na literatura porque a determinação foi apenas ao nível de gênero, como no caso de *Alibertia*, *Byrsonima*, *Galianthe*, *Inga* e *Vernonia*, mas pertencem a gêneros em que é bem conhecido o uso de mais de uma espécie no bioma cerrado (Almeida *et al.* 1998).

Tabela 2. Plantas nativas do cerrado dos quais os entrevistados têm conhecimento dos usos e citações destas na literatura.

FAMÍLIA/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	UTILIZAÇÃO	INFORMANTES	CITAÇÃO NA LITERATURA
Alismataceae				
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schlhtdl.) Micheli	chapéu-de-couro(b,e)	medicinal	M2	6
Anonaceae				
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	araticum(b,e)	alimentícia; medicinal	H1,M2	5,6,7,8
Anacardiaceae				
<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	caju-do-campo(b)	alimentícia	H1	8, 9
<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl.	aroeirinha(b,e)	medicinal	H1	-
Apocynaceae				
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	mangaba(b,e)	alimentícia; artesanato	H1	8, 9
Arecaceae				
<i>Attalea brasiliensis</i> Glassman	indaiá(b)	alimentícia	H1	-
<i>Attalea geraensis</i> Barb. Rodr.	catulé(c)	alimentício	H1	-
<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	buriti(b,e)	alimentício	H1	8,9
Bignoniaceae				
<i>Jacaranda</i> sp.	caroba (b,e)	medicinal	M2	2,3,5
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	ipê-roxo(b,e)	medicinal	M2	6
Caesalpiniaceae				
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	copaíba(b,e)	medicinal	M1	6,8,9
<i>Hymenaea</i> sp.	jatobá(b,e)	alimentícia; medicinal	H1,H2,M1	2,5,7

Tabela 2. Continuação.

FAMÍLIA/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	UTILIZAÇÃO	INFORMANTES	CITAÇÃO NA LITERATURA
<i>Bauhinia</i> sp.	pata-de-vaca(a)	medicinal	M2	3,6
Caryocaraceae				
<i>Caryocar brasiliense</i> A. St.-Hil.	pequi(b,e)	alimentícia; medicinal	H1,M1	2,4,6,8,9
Compositae				
<i>Vernonia</i> sp.	assa-peixe(b)	medicinal	M2	6
Convolvulaceae				
<i>Ipomoea</i> sp.	batata-de-purga (b)	Medicinal	M1	-
Cucurbitaceae				
<i>Perianthopodus espelina</i> Silva Manso	taiuiá(c,e)	medicinal	M2	6
Euphorbiaceae				
<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	pé-de-perdiz, perdiz(b)	medicinal	H1,M1,M2	1,2,3,5
<i>Phyllanthus</i> sp.	quebra-pedra(a,b)	medicinal	M2	6
Fabaceae				
<i>Amburana cearensis</i> (M. Allemão) A.C. Sm.	imburana, umburana (a,b,e)	medicinal	M1	6,8
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	baru(b,e)	alimentícia	H1	8,9
<i>Pterodon</i> sp.	sucupira(b,e)	medicinal	M1,M2	1,3,4,5,6
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	pau-amargo(b)	medicinal	M2	9
Hippocrateaceae				
<i>Salacia crassifolia</i> (Mart.) G. Don	bacupari(b,e)	medicinal	H1	8,9
Guttiferae				
<i>Kielmeyera speciosa</i> A. St.-Hil.	cardo-santo(a,b)	medicinal	M2	9
Lecythidaceae				
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	jequitibá(b,e)	medicinal	M2	6
Malpighiaceae				
<i>Byrsonima</i> sp.	murici(b,e)	alimentícia	H1	-
Mimosaceae				
<i>Anadenanthera</i> sp.	angico(c,e)	medicinal	M1	2,5,6
<i>Inga</i> sp.	ingá-beira-de-rio(b,e)	alimentício	H1	
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	barbatimão(a,e)	artesanato; medicinal	H1,H2,M2	1,3,5,6,9
Moraceae				
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	mama-cadela(b,e)	alimentício	H1	8

Tabela 2. Continuação.

FAMÍLIA/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	UTILIZAÇÃO	INFORMANTES	CITAÇÃO NA LITERATURA
<i>Dorstenia</i> sp.	carapiá(c,e)	medicinal	M1	3,6
<i>Ficus</i> sp.	gamelera(b,e)	artesanato	H1	-
Myrtaceae				
<i>Campomanesia</i> sp.	gabiroba(b,e)	alimentícia	H1	-
<i>Eugenia dysenterica</i> Mart. ex DC.	cagaita(b,e)	alimentício	H1	8
<i>Psidium</i> sp.	araçá(a,e)	alimentício	H1	-
Rubiaceae				
<i>Alibertia</i> sp.	marmelada-de-cachorro(b,e)	alimentícia	H1	-
<i>Galianthe</i> sp.	poaia; papaconha(b)	medicinal	M1	-
<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltld.	veludo (b,e)	alimentícia	H1	-
<i>Palicourea officinalis</i> Mart.	douradinha(b,e)	medicinal	M2	2,3,6,7
<i>Sabicea brasiliensis</i> Wernham	sangue-de-cristo(b,e)	alimentícia	H1	9
Sapotaceae				
<i>Pouteria</i> sp.	curriola(b,e)	alimentícia	H1	-
Smilacaceae				
<i>Smilax goyazana</i> A. DC.	japecanga(b,e)	medicinal	M1,M2	8
Solanaceae				
<i>Solanum</i> sp.	jubeba-do-campo(b,e)	medicinal	M1	-
<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	lobeira(b,e)	medicinal	H1	5,7, 9*
Sterculiaceae				
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	mutamba(b)	medicinal	H2	6,8
Desconhecida				
desconhecida	batatinha-da-mata(c)	medicinal	H2	-
desconhecida	chá-cravo(d)	medicinal	H2	-

a – espécie reconhecida através de amostra; b – espécie reconhecida através de fotos; c – espécie não reconhecida por amostra/ fotos, mas reconhecida na literatura; d – espécie não reconhecida na literatura; e – nome popular conhecido em Luziânia em 1886 (Bertran, 1994); 1 – Rizzo *et al.* 1985; 2 – Rizzo *et al.* 1999; 3 – Silva *et al.* 2001b; 4 – Tridente 2002; 5 – Vila Verde, 2003; 6 - Souza & Felfili, 2006; 7 – Silva, 2007; 8 – Almeida *et al.* 1998; 9 – Proença *et al.* 2000. * identificação duvidosa.

Tabela 3. Listagem livre (*free list*) de espécies de plantas do cerrado com uso etnobotânico citado pelos informantes por ordem de saliência.

ESPÉCIE	FREQUÊNCIA (%)	POSICIONAMENTO	SALIÊNCIA
<i>Hymenaea</i> sp.	75	2,67	0,587
<i>Pterodon</i> sp.	50	3,5	0,417
<i>Stryphnodendron adstringens</i>	75	10,33	0,417
<i>Annona crassiflora</i>	50	7,5	0,303
<i>Croton antisiphiliticus</i>	75	12,67	0,262
<i>Vatairea macrocarpa</i>	25	1	0,25
<i>Caryocar brasiliense</i>	50	8,5	0,242
<i>Salacia crassifolia</i>	25	2	0,24
<i>Phyllanthus</i> sp.	25	2	0,233
<i>Campomanesia</i> sp.	25	3	0,23
<i>Amburana cearensis</i>	25	2	0,229
<i>Cariniana estrellensis</i>	25	3	0,217
<i>Brosimum gaudichaudii</i>	25	5	0,21
<i>Galianthe</i> sp.	25	3	0,208
<i>Guazuma ulmifolia</i>	25	2	0,2
<i>Tabebuia impetiginosa</i>	25	4	0,2
<i>Psidium</i> sp.	25	7	0,19
<i>Echinodorus grandiflorus</i>	25	5	0,183
<i>Eugenia dysenterica</i>	25	8	0,18
<i>Anacardium humile</i>	25	9	0,17
<i>Copaifera langsdorffii</i>	25	5	0,167
<i>Inga</i> sp.	25	10	0,16
<i>Kielmeyera speciosa</i>	25	7	0,15
<i>Guettarda viburnoides</i>	25	11	0,15
<i>Anadenanthera</i> sp.	25	6	0,146
<i>Alibertia</i> sp.	25	12	0,14
<i>Bauhinia</i> sp.	25	8	0,133
<i>Mauritia flexuosa</i>	25	13	0,13
<i>Hancornia speciosa</i>	25	14	0,12
<i>Ficus</i> sp.	25	15	0,11
<i>Dorstenia</i> sp.	25	8	0,104
<i>Byrsonima</i> sp.	25	16	0,1
chá-cravo	25	4	0,1
<i>Jacaranda</i> sp.	25	10	0,1
<i>Dipteryx alata</i>	25	17	0,09
<i>Solanum</i> sp.	25	9	0,083
<i>Attalea brasiliensis</i>	25	18	0,08
<i>Smilax goyazana</i>	50	12,5	0,079
<i>Attalea geraensis</i>	25	20	0,06
batatinha-da-mata	25	5	0,05
<i>Vernonia</i> sp.	25	13	0,05
<i>Lithraea molleoides</i>	25	22	0,04
<i>Perianthopodus espelinus</i>	25	14	0,033
<i>Pouteria</i> sp.	25	23	0,03
<i>Ipomoea</i> sp.	25	12	0,021
<i>Sabicea brasiliensis</i>	25	24	0,02
<i>Solanum lycocarpum</i>	25	25	0,01

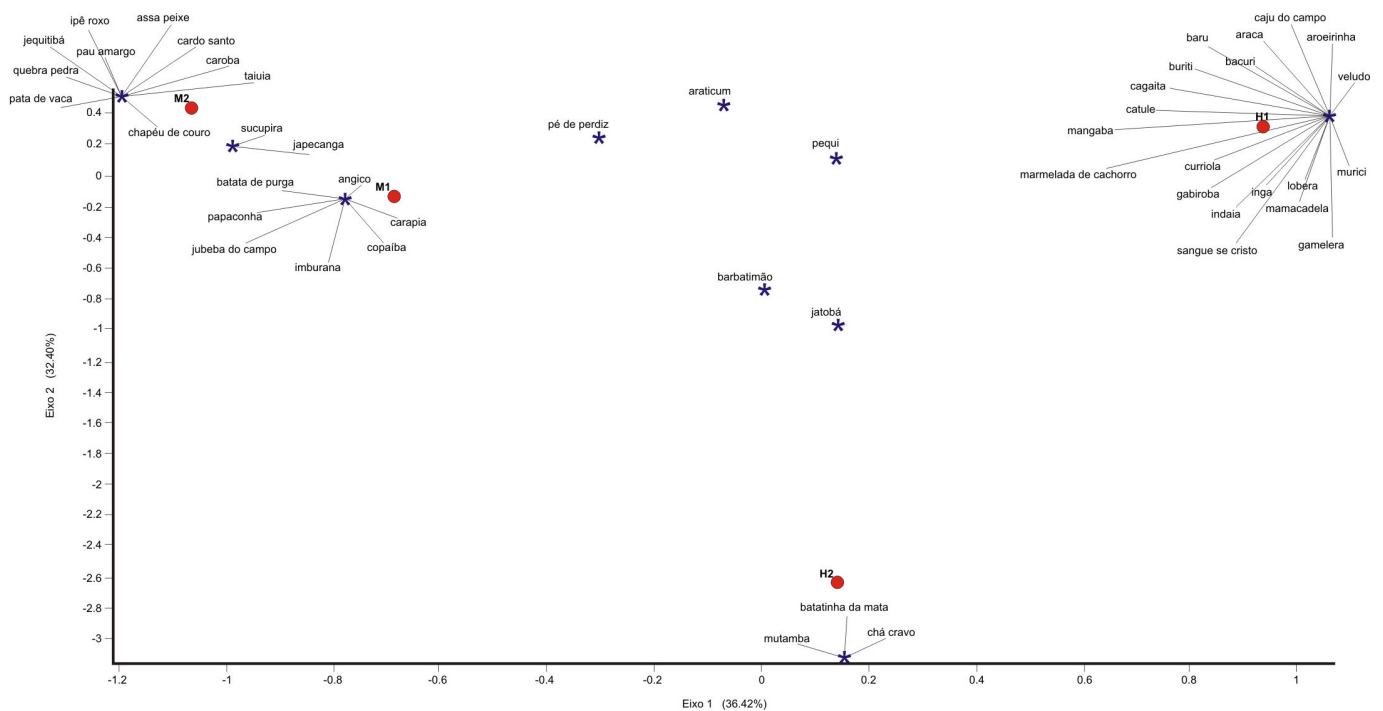


Figura 1. Análise de correspondência (CA) dos diferentes conhecimentos sobre usos de plantas dos cerrados a partir de informantes-chave.

Através do *free list*, pode-se analisar a **frequência** de espécies através das citações pelos informantes, o **posicionamento** das espécies na memória dos entrevistados no momento da listagem livre e, por fim, a **saliência**, valor dado pela frequência de citação e seu posicionamento dentro da listagem livre. Esta última mostra a importância cultural da

espécie em uma determinada região. *Hymenaea* sp. (jatobá), obteve maior valor de saliência, sendo citado por três dos informantes; seguida por *Pterodon* sp. (sucupira), *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Annona crassiflora* (araticum) e *Croton antisyphiliticus* (pé de perdiz), ora sendo citado por três ora por dois informantes (**Tabela 3**)

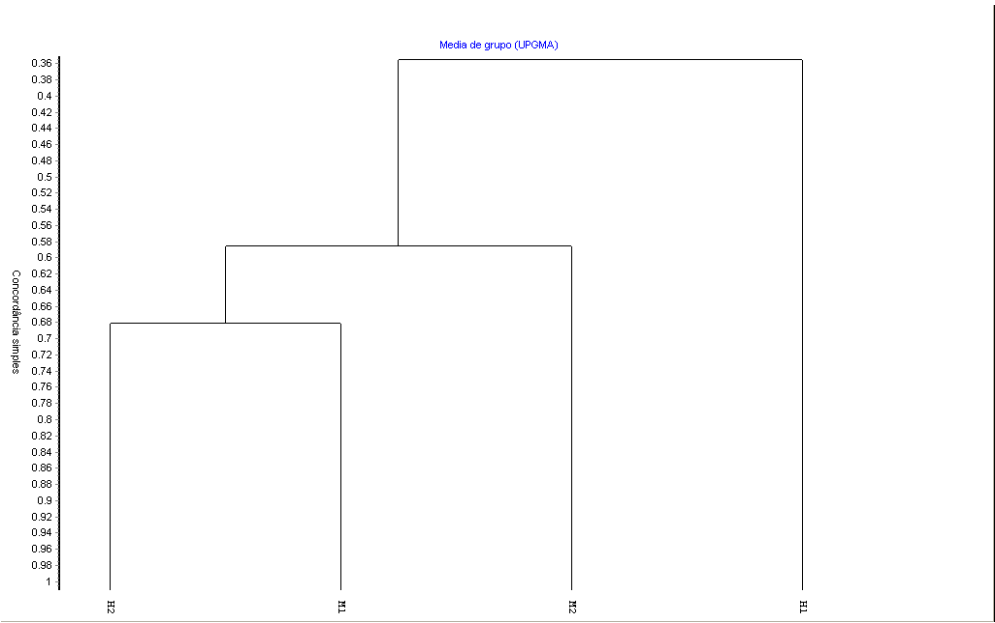


Figura 2. Dendrograma elaborado a partir dos conhecimentos de usos de plantas nativas do cerrado.

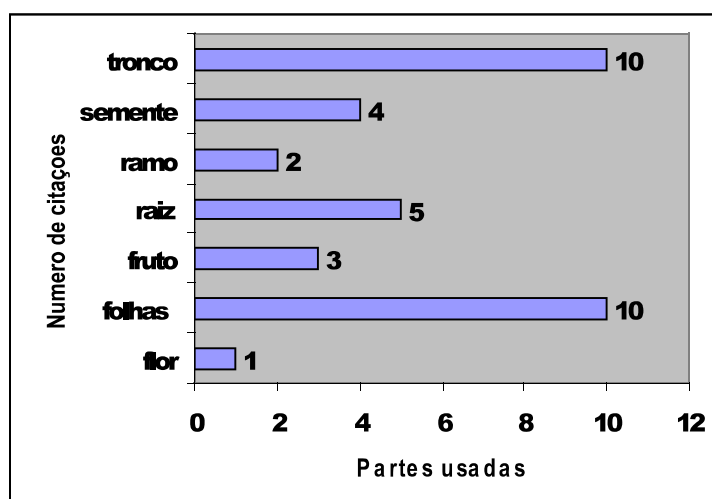


Figura 3 – Porcentagem das diferentes partes das plantas utilizadas segundo conhecimento medicinal.

A análise de correspondência (CA) mostrou representabilidade da variação de 68,8%, somatório eixo 1 (36,4%) + eixo 2 (32,4%) na **Figura 1**. Observa-se certo conhecimento compartilhado de uso das espécies citadas pelos informantes, porém a maioria das informações é peculiar a apenas um informante.

Na **Figura 1** tem-se a representação dos informantes, onde cada um tem conhecimentos característicos sobre usos de plantas, sendo poucas as plantas com conhecimento compartilhado como a japecanga (*Smilax goyazana*) e sucupira (*Pterodon* sp.) sendo ambos os domínios de conhecimento

Tabela 4. Plantas medicinais citadas por informantes do Distrito Federal e seu Valor de Uso.

FAMILIA/ NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR	INDICAÇÃO DE USO E EFEITO	PARTES USADAS	VALOR DE USO (U/NT)
Alismataceae				
<i>Echinodorus grandiflorus</i>	chapéu-de-couro	doença cardíaca, <i>depurativo do sangue</i> (M2)	folhas	0,5
Anacardiaceae				
<i>Lithraea molleoides</i>	aroeirinha	<i>anti-inflamatório</i> (H1)	casca do tronco	0,25
Annonaceae				
<i>Annona crassiflora</i>	araticum	dores, reumatismo/ <i>tônico</i> (H1)	fruta	0,5
Bignoniaceae				
<i>Jacaranda</i> sp.	caroba	sífilis, feridas (M2)	folhas	0,5
<i>Tabebuia impetiginosa</i>	ipê roxo	artrite (M2)	casca tronco	0,25
Caesalpiniaceae				
<i>Copaifera langsdorfii</i>	copaíba	dor de ouvido/dente, gripe (M1)	resina do tronco	0,75
<i>Hymenaea</i> sp.	jatobá	fratura, inchaço (M1,H2)/ tratamento vias respiratórias: bronquite asmática (H1)	resina do tronco - fervida no óleo / polpa fruto	0,75

Tabela 4. Continuação

FAMILIA/ NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR	INDICAÇÃO DE USO E EFEITO	PARTES USADAS	VALOR DE USO (U/NT)
<i>Bauhinia</i> sp.	pata-de-vaca	diabete (M2)	folhas	0,75
Caryocaraceae				
<i>Caryocar brasiliense</i>	pequi	Corrimento, <i>depurativo do sangue</i> , sarna (M1)	casca do tronco	0,75
Compositae				
<i>Vernonia</i> sp.	assa-peixe	contusão, gripe, tosse (M2)	folhas	0,75
Convolvulaceae				
<i>Ipomoea</i> sp.	batata-de-purga	gripe, <i>laxante</i> , pneumonia (M1)	Raiz torrada; semente.	0,75
Cucurbitaceae				
<i>Perianthopodus espelina</i>	taiuiá	<i>digestivo</i> (M2)	-----	0,25
Euphorbiaceae				
<i>Croton antisiphiliticus</i>	pé-de-perdiz	<i>anti-iftamatório das vias genitais</i> (H1,M1) / cólica (M2)	raiz e folhas	0,5
<i>Phyllanthus</i> sp.	quebra-pedra	pedra nos rins (M2)	folhas	0,25
Fabaceae				
<i>Amburana cearensis</i>	imburana	<i>anti-flatulante</i> (M1)	semente	0,25
<i>Vatairea macrocarpa</i>	pau-amargo	diabete, estomatite, febre (M2)	-----	0,75
<i>Pterodon</i> sp.	sucupira	amigdalite (M2); corrimento; <i>depurativo do sangue</i> , sarna (M1)	resina da semente/ casca do tronco	1
Hippocrateaceae				
<i>Salacia crassifolia</i>	bacupari	pediculose (H1)	sementes	0,25
Kielmeyera				
<i>Kielmeyera speciosa</i>	cardo-santo	bronquite asmática (M2)	folhas	0,25
Lecythidaceae				
<i>Cariniana estrellensis</i>	jequitibá	amigdalite, tosse (M2)	casca do tronco	0,5
Mimosaceae				
<i>Anadenanthera</i> sp.	angico	<i>expectorante</i> (M1)	resina do tronco	0,25
<i>Stryphnodendron adstringens</i>	barbatimão	<i>anti-inflamatório</i> (H1,H2) / feridas e equizema (M2)	folha; casca do tronco	0,5
Moraceae				
<i>Dorstenia</i> sp.	carapiá	pneumonia (M1)	raiz	0,25
Rubiaceae				
<i>Palicourea officinalis</i>	douradinha	<i>diurético</i> , gripe (M2)	folhas	0,5

Tabela 4. Continuação

FAMILIA/ NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR	INDICAÇÃO DE USO E EFEITO	PARTES USADAS	VALOR DE USO (U/NT)
<i>Galianthe</i> sp.	poaia; papaconha	gripe, infecção, pneumonia (M1).	raiz torrada	0,75
Smilacaceae				
<i>Smilax goyazana</i>	japecanga	corrimento, <i>depurativo do sangue</i> , (M1); sarna (M1, M2) /	casca do tronco	0,75
Solanaceae				
<i>Solanum</i> sp.	jubeba-do-campo	dores no fígado (M1)	casca da raiz moída	0,25
<i>Solanum lycocarpum</i>	lobeira	pneumonia (H1)	flores	0,25
Sterculiaceae				
<i>Guazuma ulmifolia</i>	mutamba	<i>fortalecimento do cabelo</i> (H2)	baba do fruto	0,25
Desconhecido	chá-cravo	amidalite (H2)	folhas	0,25
Desconhecido	batatinha-da-mata	<i>cicatrizante</i> (H2)	ramo	0,25

(H1) - entrevistado H1; (H2) - entrevistado H2; (M1) - entrevistado M1; (M2) - entrevistado M2

das informantes M1 e M2; assim como as espécies: araticum (*Annona crassiflora*), barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), jatobá (*Hymenaea* spp.), pé de perdiz (*Croton antisiphiliticus*) e pequi (*Caryocar brasiliense*), como as comuns entre domínio de uso dos informantes H1 e M1.

O dendrograma produzido pela análise de agrupamento (**Figura 2**) mostra um alto valor de correlação, 0,931. Apesar de poucas informações compartilhadas, ainda se observa dois grandes grupos, onde um é composto pelo entrevistado H1 e o segundo, pelos informantes M2, M1, H2. No segundo grupo ainda há uma subdivisão onde a entrevistada M2 se separa de aspectos similares citados pelos entrevistados M1 e H2, estes formando um segundo sub-grupo. Observa-se grande número de alimentícias entre as plantas citadas por H1, assim, possivelmente, o dendrograma reflete a maior importância dada por este informante a este aspecto da utilidade das plantas, em contraste com os demais que enfatizaram as medicinais.

DOS ENTREVISTADOS

Dentre as 57 espécies levantadas, 32 listadas pelos entrevistados são plantas medicinais: suas formas de uso, bem como efeito ou indicação e seu

Valor de Uso estão elencados na **Tabela 4**.

Para uso medicinal, a ordem de citação decrescente de uso das partes das plantas foram as folhas, casca do tronco, raiz, sendo que ramos, sementes, frutos e flores foram as menos citadas (**Figura 3**).

O pau amargo (*Vatairea macrocarpa*) e o taiuiá (*Perianthopodus espelinus*) foram citados pela entrevista M2 como medicinais apesar desta não saber ao certo como preparar e qual parte da planta utilizar.

Foram citados 35 diferentes tipos de tratamentos em que as plantas podem servir. As doenças/efeitos/tratamentos mais citados foram gripe (cinco plantas); anti-inflamatório, pneumonia, depurativo do sangue (quatro citações); amigdalite, corrimento, sarna (três citações); tosse, feridas e diabete (duas citações), sendo que as demais foram citadas apenas uma vez.

A sucupira apresentou maior valor de uso (VU=1), seguida pela batata de purga, copaíba, japecanga, jatobá, papaconha, pau amargo e pequi.

CONCLUSÃO

Além das 32 espécies identificadas até nível específico serem também citadas por informantes em outros estudos etnobotânicos no estado de Goiás

(Tabela 2), uma boa porcentagem também fora mencionada em trabalho antigo.

Dos 48 nomes populares citados pelos informantes no presente projeto, 34 (71%) constam de um inventário da riqueza vegetal no município goiano de Santa Luzia (hoje Luziânia), contíguo ao Distrito Federal, feito em 1886 por Joseph de Mello Alvares (Bertran, 1994), o que mostra continuidade no uso da nomenclatura popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & ALENCAR, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & CUNHA, L.V.F.C. DA (orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: COMUNIGRAF, 2008. p. 41-72.

ALMEIDA, S.P.; PROENÇA, C.E.B.; SANO, S.M. & RIBEIRO, J. F. **Cerrado: espécies vegetais úteis**. Planaltina: Embrapa CPAC, 1998. 464 p.

BERNARD, R.H. **Research methods in cultural anthropology**. Londres: SAGE Publications Inc. 1989. 520 p.

BERTRAN, P. **História da terra e do homem no Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador**. Brasília: Solo Editores, 1994. 270 p.

BORGATTI, S.P. **ANTHROPAC 4.0**. Reference manual. Natick, MA: Analytic Technologies, 1992.

CHRISTO A.G.; GUEDES-BRUNI, R.R. & FONSÊCA-KRUEL. Uso de recursos vegetais em comunidade limítrofes à reserva biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: Estudo de caso na Gleba Aldeia Velha. **Rodriguésia, Revista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro**, v. 57, n. 3, 519-542, 2006.

DIEGUES, A.C. **O mito moderno da natureza intocada**. 5ª edição. São Paulo: Editora Hucitec/NAPAUB/USP, 2004. p. 75-98.

EITEN, G. Vegetação do Cerrado. In: Pinto, M.N.

(org.). **Cerrado: Caracterização, Ocupação e Perspectivas**. 2ª edição. Brasília: UnB-Sematec. 1994. p. 9-65.

GDF. **Administração Regional de Planaltina**. 2007. www.planaltina.df.gov.br. Consultado em 5 de setembro de 2007.

GOMEZ-BELOZ, A. Plant use knowledge of the Winikina Warao: the case for questionnaires in ethnobotany. **Economic Botany**, v. 56, n. 3, p. 231-241, 2002.

HÖFT, M.; BARIK, S. K. & LYKKE, A.M. **Quantitative ethnobotany: Applications of multivariate and statistical analyses in ethnobotany**. People and Plants Working Paper 6. Paris: UNESCO, 1999. 46p.

IBGE. **Contagem da população 2007**. Publicado no Diário Oficial da União em 5 de outubro de 2007.

KLINK, C.A.; MACEDO, R.F. & MUELLER, C.C. **De Grão em Grão, o Cerrado Perde Espaço** (Cerrado Impactos do Processo de Ocupação). Brasília: WWF - Fundo Mundial para a Natureza. 1995. 66p.

LEGENDRE, P. & LEGENDRE, L. **Numerical ecology**. Amsterdam: Elsevier Scientific Publishing Company. 1998. 853p.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras - manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Editora Plantarum, 1998. 352p.

POSEY, D.A. Introdução - etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, D. (ed.). **Suma etnológica brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. 1986. p. 15-25.

PROENÇA C.; OLIVEIRA, R.S. & SILVA, A.P. Flores e frutos do cerrado – guia de campo ilustrado. Brasília/São Paulo: Editora UnB/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. 226p.

QUEIROZ, E.P. A Migração intrametropolitana no Distrito Federal e Entorno: o conseqüente fluxo pendular e o uso dos equipamentos urbanos de saúde

e educação, In: XV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2006, Caxambú, MG. **Resumos:** Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2006.

REGIÃO ADMINISTRATIVA DE PLANALTINA. 2002. www.planaltina.df.gov.br. Consultado em 7 de Abril de 2007.

RIZZO, J.A.; MONTEIRO, M.S.R. & BITENCOURT, C. Utilização de plantas medicinais em Goiânia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BOTÂNICA, 36, 1985, Curitiba, PR. v.2, p. 691-714.

RIZZO, J. A.; CAMPOS, L.F.P.; JAIME, M.C.; MUNHOZ, G. & MORGADO, W.F. Utilização de plantas medicinais nas cidades de Goiás e Pirenópolis, Estado de Goiás. **Revista brasileira de Ciências farmacêuticas**, v.20, n. 2, p. 431-447, 1999.

ROSSATO S.C; LEITAO-FILHO, H.F & BEGOSSI, A. Ethnobotany of Caiçaras of the Atlantic Forest coast (Brazil). **Economic Botany**, v. 53, n. 4, p.387-395,1999.

SHEPHERD, G.J. FITOPAC 1: **Manual do usuário**. Departamento de Botânica. Campinas: Unicamp. 1995.

SILVA, A.P.; SILVA, S.R.; MUNHOZ, C.B.R. & MEDEIROS, M.B. Levantamento etnobotânico na Chapada dos Veadeiros, Goiás: plantas ornamentais e medicinais de cerrado do estrato herbáceo-arbustivo. **Revista Universitas: Biociências** v. 2, n. 1, p. 23-38. 2001a.

SILVA, C.S.P. **As plantas medicinais no município Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil: uma abordagem etnobotânica**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 153p. (Dissertação de mestrado)

SILVA, C.S.P. & PROENÇA, C. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 22, n. 2, p. 481-492, 2008.

SILVA, S.R. **Plantas do cerrado utilizadas pelas comunidades da região do Grande Sertão Veredas**.

Brasília: Editora Funatura, 1998. 109p.

SILVA, S.R.; SILVA, A.P.; MUNHOZ, C.B.R.; SILVA JÚNIOR, M.C. & MEDEIROS, M.B. **Guia de plantas do cerrado utilizadas na Chapada dos Veadeiros**. Brasília: Prática Gráfica e Editora Ltda. 2001b.

SOUZA, L.F. Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (comunidade de Baús, Acorizal, MT, Brasil). **Revista Brasileira. Pl. Med.**, Botucatu v.9, n. 4, p. 44-54. 2007.

TRIDENTE, R.D. **O uso de plantas medicinais na cidade de Porangatu**, Estado de Goiás. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 2002. 68p.(Dissertação de mestrado)

VILA-VERDE, N.A.; PAULA J.R.& CARNEIRO D.M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes/GO. **Revista Brasileira de Farmacologia** v.13, n.1, p. 64-66, 2003.

WALTER, B.M.T. **Fitofisionomias do bioma Cerrado: síntese terminológica e relações florísticas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. (Tese de doutorado)

WELLER, S.C. & ROMNEY, A.K. **Systematic data collection**. Newbury Park, CA: SAGE, 1988. 95p.